



AS CONSTRUÇÕES DE CARREIRA NA TRANSIÇÃO DO EMPREGO FORMAL AO MICROEMPREENDEDORISMO

CAREER DEVELOPMENT IN THE TRANSITION FROM FORMAL EMPLOYMENT TO MICROENTREPRENEURSHIP

CONSTRUCCIONES DE CARRERA EN LA TRANSICIÓN DEL EMPLEO FORMAL AL MICROEMPRENDIMIENTO

RESUMO

Objetivo: Compreender como ocorrem as construções de carreira de pessoas que experienciaram a transição de um emprego formal ao microempreendedorismo em uma região urbana periférica exercendo atividades que exigem baixa especialização.

Design/metodologia/abordagem: Partindo de uma abordagem metodológica qualitativa, nos inspiramos em traços da pesquisa etnográfica e utilizamos três técnicas de coleta de dados: pesquisa documental, observação e entrevistas narrativas. Os dados foram analisados contemplando aspectos temáticos pré-estabelecidos para, posteriormente, integrarem uma análise conjunta através da triangulação dos achados.

Resultados: Os achados descontinaram trajetórias semelhantes entre os MEIs, envolvendo, em especial, aspectos relativos a barreiras econômicas, vínculos de suporte e a ausência de planejamento nessa mudança de posição laboral. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento constante, a agência dos trabalhadores, a busca pela inovação ou a procura de significado não foram elementos centrais nas transições em análise.

Implicações práticas: Do ponto de vista prático, o estudo contribuiu no questionamento acerca da qualidade de novas configurações de trabalho e padrões de carreira, assim como no reconhecimento das dinâmicas de relacionamentos nas trajetórias, levando a reflexão sobre políticas públicas para conjuntos sociais semelhantes.

Implicações teóricas: Do ponto de vista teórico, o estudo contribuiu a partir da incorporação de um viés social, especialmente para o quadro teórico de empreendedorismo e aos estudos que trazem ao centro as transições de carreira, bem como pela complementaridade entre elementos objetivos e subjetivos de análise no estudo de carreiras microempreendedoras.

 Alexandre Dal Molin Wissmann

Doutor

Universidade de Santa Cruz do Sul - Brasil
alexandred@unisc.br

 Lisiane Quadrado Closs

Doutora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil
lisiane.closs@ufrgs.br

Submetido em: 18/10/2024

Aprovado em: 20/03/2025

Como citar: Wissmann, A. D. M., & de Closs, L. Q. (2025). As Construções de Carreira na Transição do Emprego Formal ao Microempreendedorismo. *Alcance* (online), 32(1), 18-36. [https://doi.org/10.14210/alcance.v32n1\(jan/abr\).p18-36](https://doi.org/10.14210/alcance.v32n1(jan/abr).p18-36)

OPEN  ACCESS





Implicações sociais: Além de evidenciar as dificuldades de um grupo crescente de trabalhadores no Brasil, o estudo revelou o espaço para maior interação entre MEIs, instituições de apoio e órgãos públicos, sugerindo políticas que integrem aspectos sociais, como suporte familiar e acesso a orientações regulatórias e legais.

Originalidade/valor: Além de adentrar em uma temática ainda inexplorada, os resultados são relevantes, pois trazem elementos que contribuem para a redução dos desafios impostos a um conjunto de trabalhadores que ficam às margens das discussões acadêmicas, construindo um valor presente e futuro para o campo teórico, prático e social.

Limitações da pesquisa: O número de participantes da pesquisa e a escolha por duas atividades laborais para integrarem o estudo são limitadores de nosso estudo e se desenharam a partir de nossas vivências na etapa de campo.

Sugestão de pesquisas futuras: Estudos que investiguem alternativas coletivas para mitigar os desafios da individualidade no microempreendedorismo, bem como programas mais eficazes que transcendam iniciativas horizontais e considerem a heterogeneidade dos grupos sociais são temas não explorados neste trabalho, mas que representam caminhos promissores para investigações futuras.

Palavras-chave: Carreira. Emprego. Empreendedorismo. Microempreendedor Individual. Transição.

ABSTRACT

Objective: To understand the career development of individuals who transitioned from formal employment to microentrepreneurship in a peripheral urban region, engaging in activities that require low specialization.

Design/methodology/approach: Using a qualitative methodological approach, we drew inspiration from ethnographic research traits and employed three data collection techniques: documentary research, observation, and narrative interviews. The data were analyzed considering pre-established thematic aspects to later integrate

a joint analysis through the triangulation of the findings.

Results: The findings revealed similar trajectories among the MEIs, particularly highlighting economic barriers, support networks, and the lack of planning during the transition. However, continuous development, worker agency, the pursuit of innovation, or the search for meaning were not central elements in the analyzed transitions.

Practical implications: From a practical perspective, the study raises questions about the quality of new work configurations and career patterns, and recognizes the relationship dynamics in these trajectories, leading to reflections on public policies for similar social groups.

Theoretical implications: Theoretically, the study incorporates a social bias, particularly into the theoretical framework of entrepreneurship and career transition studies, while also providing complementary analysis of both objective and subjective elements in the study of micro-entrepreneurial careers.

Social implications: In addition to highlighting the difficulties of a growing group of workers in Brazil, the study revealed space for greater interaction between MEIs, support institutions and public bodies, suggesting policies that integrate social aspects, such as family support and access to regulatory and legal guidance.

Originality/value: In addition to addressing a relatively unexplored topic, the findings are significant as they contribute to mitigating the challenges faced by a group of workers who remain on the margins of academic discussions, providing present and future value to both theoretical, practical and social field.

Research limitations: The number of research participants and the choice of two work activities to be included in the study are limitations of our study and were designed based on our experiences in the field stage.

Suggestions for future research: Future studies could investigate topics not addressed in this work but that represent promising research paths, such as collective alternatives to mitigate the challenges of individuality in microentrepreneurship, explore



effective programs that transcend horizontal initiatives, and consider the heterogeneity of social groups.

Keywords: Career. Job. Entrepreneurship. Individual Microentrepreneur. Transition.

RESUMEN

Objetivo: Comprender cómo se desarrollan las construcciones de carrera de personas que vivieron la transición del empleo formal al microemprendimiento en una región urbana periférica, realizando actividades que requieren baja especialización.

Diseño/metodología/enfoque: Partiendo de un enfoque metodológico cualitativo, nos inspiramos en características de la investigación etnográfica y utilizamos tres técnicas de recolección de datos: investigación documental, observación y entrevistas narrativas. Los datos fueron analizados considerando aspectos temáticos preestablecidos para luego integrar un análisis conjunto a través de la triangulación de los hallazgos.

Resultados: Los hallazgos revelaron trayectorias similares entre los IME, destacando en particular aspectos relacionados con barreras económicas, redes de apoyo y la falta de planificación en este cambio de posición laboral. Sin embargo, el desarrollo continuo, la agencia de los trabajadores, la búsqueda de innovación o de sentido no fueron elementos centrales en las transiciones analizadas.

Implicaciones prácticas: Desde un punto de vista práctico, el estudio contribuyó a cuestionar la calidad de nuevas configuraciones laborales y patrones de carrera, además de reconocer la dinámica de las relaciones en estas trayectorias, lo que lleva a reflexionar sobre políticas públicas para grupos sociales similares.

Implicaciones teóricas: Teóricamente, el estudio aporta un sesgo social, especialmente en el marco teórico del emprendimiento y los estudios que centran la transición profesional, al tiempo que proporciona un análisis complementario de elementos objetivos y subjetivos en el estudio de carreras microempresariales.

Implicaciones sociales: Además de destacar las dificultades de un grupo creciente de trabajadores en Brasil, el estudio reveló espacio para una mayor interacción entre las IME, las instituciones de apoyo y los organismos públicos, sugiriendo políticas que integren aspectos sociales, como el apoyo familiar y el acceso a orientación regulatoria y legal.

Originalidad/valor: Además de abordar un tema relativamente inexplorado, los hallazgos son relevantes porque contribuyen a mitigar los desafíos que enfrentan los trabajadores que permanecen al margen de las discusiones académicas, aportando valor presente y futuro tanto al campo teórico, práctico y social.

Limitaciones de la investigación: El número de participantes de la investigación y la elección de dos actividades laborales a incluir en el estudio son limitaciones de nuestro estudio y fueron diseñados con base en nuestras experiencias en la etapa de campo.

Sugerencias para futuras investigaciones: Los estudios que investigan alternativas colectivas para mitigar los desafíos de la individualidad en el microemprendimiento, así como programas más efectivos que trasciendan las iniciativas horizontales y consideren la heterogeneidad de los grupos sociales son temas no explorados en este trabajo, pero que representan caminos promisorios para futuras investigaciones.

Palabras clave: Carrera. Trabajo. Emprendimiento. Microempresario Individual. Transición.

INTRODUÇÃO

A literatura contemporânea de carreira caracteriza o contexto de trabalho por frequentes movimentações individuais e posiciona essas transições como um traço em evidência em suas diversas concepções (Hirschi, 2018). Em conjunto, temos um mercado de trabalho nacional onde o empreendedorismo ganha força, abraçando grupos de trabalhadores que partem em sua direção (Carmo, Assis, Gomes, & Teixeira, 2021). Nesse contexto são comuns as transições em direção ao empreendedorismo, sobretudo de pessoas advindas de vínculos empregatícios (Burton, Sørensen, & Dobrev, 2016).



Imerso nessa conjuntura está o movimento de transição do emprego formal ao enquadramento jurídico do Microempreendedor Individual (MEI), reconhecido como uma alternativa simplificada e de baixa tributação para pessoas que buscam uma fonte de trabalho e renda (Portal do Empreendedor, 2024). No último relatório divulgado sobre o perfil do MEI, os trabalhadores que tiveram o emprego formal como última ocupação já representavam mais da metade desse conjunto social (Sebrae, 2022).

Do ponto de vista organizacional e social, na medida em que o enquadramento possibilita a inclusão social dessas pessoas, permite também o desdobramento de suas relações de trabalho (Ansilio, Costanzi, & Fernandes, 2020). Em conjunto, a transição do emprego formal ao MEI, transição denominada a partir de agora neste trabalho pela sigla EF-MEI, está imersa em um quadro de reconfigurações nas práticas de gestão de pessoas e nos modelos produtivos que, de diferentes formas, impactam nas suas experiências e trajetórias (Krein, Abílio, Freitas, Borsari, & Cruz, 2018).

Refletindo sobre essa mudança na carreira, ao analisarmos as transformações decorrentes da passagem do emprego formal ao empreendedorismo, é possível notar que esta última modalidade de trabalho, embora possibilite maior autonomia, requer maior número de horas trabalhadas, enfraquece as fronteiras entre vida privada e profissional, possui menor proteção social, assim como instabilidade nos rendimentos em relação à ocupação anterior (Rosenfield, 2015).

A individualidade provocada pelo empreendedorismo intensifica os desafios dentro do trabalho (Ashford, Caza, & Reid, 2018). Para o indivíduo, a transição dispara transformações que ele precisa enfrentar, tais como os elementos que constituem o conteúdo de sua atividade, os novos papéis desempenhados e os relacionamentos necessários para sua ação (Souza & Borges, 2020).

Considerando que a transição EF-MEI ainda é pouco explorada na literatura, identificamos essa lacuna como ponto central de investigação. Para aprofundar essa compreensão, adotamos

uma abordagem teórica integrada, fundamentada nos conceitos de empreendedorismo e carreira. As concepções teóricas adotadas estão fundadas em pressupostos ontoepistemológicos construtivistas que observam indivíduo e contexto em conjunto, e localizados em um mundo historicamente estruturado (Denzin & Lincoln, 2018). Em conjunto, adotamos uma abordagem metodológica qualitativa, utilizando três técnicas de coleta de dados: pesquisa documental, observação e entrevistas narrativas. Os dados foram analisados contemplando aspectos temáticos pré-estabelecidos para, posteriormente, integrarem uma análise conjunta através da triangulação dos achados.

Apoiando-se em tais bases, neste trabalho objetivamos **compreender como ocorrem as construções de carreira de pessoas que experienciaram a transição EF-MEI em uma região urbana periférica exercendo atividades que exigem baixa especialização**. Para isso, o estudo parte da investigação da bagagem histórica-contextual ampliada e do microespaço social onde estão localizadas as carreiras dos MEIs, para analisar a trajetória desses trabalhadores, contemplando elementos subjetivos, como as experiências da mudança de atividade e suas interações na carreira, e objetivos, como as características do empreendimento, marcadores temporais e indicadores contextuais.

Os achados descortinaram trajetórias semelhantes entre os MEIs, envolvendo, em especial aspectos relativos a barreiras econômicas, vínculos de suporte e a ausência de planejamento nessa mudança de posição laboral. Ao contrário do que a literatura sobre empreendedorismo sugere, o desenvolvimento constante, a agência dos trabalhadores, a busca pela inovação ou a procura de significado não foram elementos centrais nas transições do EF-MEI. Para alcançar nosso objetivo, estruturamos o trabalho em sete partes: o primeiro capítulo corresponde à introdução; o segundo se dedica à discussão do quadro teórico de carreira e empreendedorismo; a transição EF-MEI é explorada no terceiro capítulo; o percurso metodológico do estudo é o tema da quarta seção; a quinta apresenta as construções de carreira dos MEIs; o sexto capítulo analisa os achados da pesquisa; e por fim, o sétimo exibe as



conclusões do trabalho.

CARREIRA E EMPREENDEDORISMO

A concepção de carreira empregada em nossa investigação é sustentada a partir de teorias como a de carreiras em contexto e ecossistema de carreira (Mayrhofer, Meyer, & Steyrer, 2007; Baruch, 2015). A partir de seu traço processual, histórico e contextual, a concepção possibilita observar a construção da trajetória de uma pessoa em um quadro amplo, envolvendo pessoas, grupos, organizações e sociedade, retratando as interações recíprocas ao longo de um período (Hughes, 1958).

Essa visão temporal nos permite observar diferentes retratos relacionados ao objeto de investigação, bem como suas transformações ao longo do tempo (Hughes, 1937). Já o caráter relacional proporciona que todos os níveis de análise, assim como os elementos presentes em nossa discussão sejam correlacionados (Moore, Gunz, & Hall, 2007). Ademais, abrem-se caminhos para a associação entre elementos objetivos, tais como as características individuais e do empreendimento, marcadores temporais e indicadores contextuais, e subjetivos, onde estão as interpretações pessoais, experiências da mudança de atividade e as interações existentes na trajetória dos indivíduos (Baruch, 2015).

Por fim, o olhar contextual permite verificar o papel das estruturas sobre as ações, comportamentos e experiências dos trabalhadores (Gunz & Mayrhofer, 2015; Souza & Lemos, 2020). Dessa maneira, temos a oportunidade de identificar padrões de carreira, bem como suas barreiras ou promotores subjetivos, econômicos ou sociais. Ao mesmo tempo possibilita reconhecer trajetórias individuais ou padrões de carreira do grupo que, por sua vez, podem retratar fenômenos sociais e políticos relacionados ao movimento do EF-MEI (Gunz, Mayrhofer, & Tolbert, 2011).

A perspectiva de carreira ainda nos permite analisar elementos que fazem parte da base teórica, tais como a noção de agência, a mobilidade das trajetórias, a realização pessoal e o desenvolvimento profissional dos trabalhadores (Vaclavik, Rocha-de-Oliveira, & Oltramari, 2021).

O quadro conceitual de empreendedorismo adotado neste trabalho, por sua vez, parte de vertente teórica sociológica (Weber, 1999). Sob essa concepção, além de aspectos individuais do MEI, estão presentes fatores que influenciam o processo empreendedor e uma visão organizacional e contextual no estudo, incluindo a bagagem histórica do espaço, oferecendo um olhar ampliado sobre o fenômeno.

A base teórica de empreendedorismo abre portas para uma visão interdisciplinar do fenômeno em estudo (Vale, 2014), contemplando traços psicológicos, demográficos, econômicos e organizacionais (Cuervo, Ribeiro, & Roig, 2007). Também nos oportuniza a aproximação dos níveis individual, organizacional e contextual (Dyer, 1995; Low & MacMillan, 2007), favorecendo o olhar à complementaridade das dinâmicas que envolvem essa transição.

Os quadros teóricos de carreira e empreendedorismo adotados no estudo são sustentados por pilares com elementos comuns, tais como tempo, contexto (microespaços e cenário ampliado), indivíduo e relações sociais (Weber, 1999; Baruch, 2015). A interlocução dos mesmos contribui para o estudo de fenômenos de diferentes naturezas, incluindo as construções de carreira de indivíduos que experienciaram a transição EF-MEI.

Articular a conjunção destas duas concepções teóricas nos permite uma investigação histórica, temporal, contextualizada e em diferentes níveis de análise (individual, organizacional e contextual). Somado a isso, temos uma perspectiva relacional entre aspectos objetivos e subjetivos, além de uma integração entre os diferentes atores que fazem parte da carreira do MEI.

A TRANSIÇÃO DO EMPREGO FORMAL PARA O MEI

A implementação de uma gestão eficaz nas insAs transições de carreira podem ser representadas por mudanças dentro de uma organização, entre organizações, entre ocupações ou entre campos profissionais (Sullivan & Baruch, 2009). Também podem ser vistas como movimentos que geram descontinuidades ou interrupções na trajetória do indivíduo, criando pro-



cessos de ajustes e novas experiências (Baruch & Quick, 2007).

Como elementos relevantes à observação de transições estão as características individuais, histórico da trajetória, estrutura socioeconômica familiar, vínculos de suporte, percepções sobre a posição passada e a atual, experiências vivenciadas e projeções futuras da carreira (Burton et al., 2016). Além disso, o contexto e sua bagagem histórica também são elementos importantes às investigações das transições de carreira (Briscoe et al., 2018).

Nesse sentido, direcionando a atenção ao fenômeno em estudo, destacamos alguns aspectos do passado e do presente, em termos políticos, jurídicos e socioeconômicos, relacionados ao empreendedorismo no Brasil e também ao nível local, ligados ao território onde a pesquisa foi conduzida.

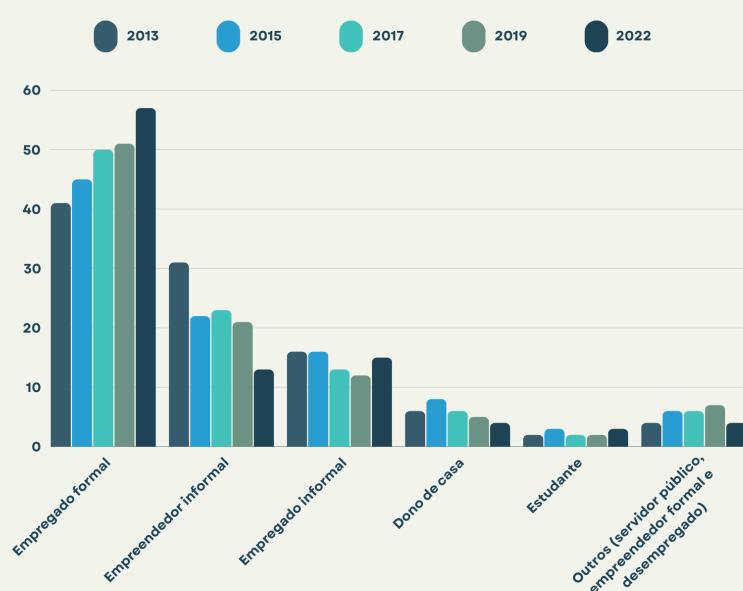
Desde a década de 1990, as políticas públicas brasileiras desenvolvem iniciativas que promovem o empreendedorismo, principalmente com o objetivo de reduzir o desemprego no país (Silva, Paiuca, & Schmidt, 2020). Resgatando tais ações, temos programas de crédito, desburocratização de instrumentos legais para a criação de negócios, programas de formação de habilidades empreendedoras e ações de mídia elevando o status da figura do empreendedor (Ansílhero et al., 2020).

Em paralelo, esforços jurídicos foram feitos no sentido de minimizar o papel do Estado e aumentar o poder dos agentes (organizações e trabalhadores) para que eles próprios estabeleçam as condições de suas relações de trabalho (Campanha, Lorenzo, Fonseca, & Pauillio, 2017). Como exemplos, podemos citar as formas precárias de contratação e as relações de empregos disfarçadas, especialmente através de contratos especiais e pejotização (Krein et al., 2018).

Inseridos nestas dinâmicas, estão o enquadramento do MEI e o movimento do EF-MEI. Os relatórios do Sebrae (2019a, 2022) oferecem traços dos microempreendedores: pessoas que criaram sua empresa buscando independência ou uma fonte de renda; não possuem o conhecimento necessário para a organização do negócio; a maior parte tem o ensino médio completo; localizam-se em estratos econômicos inferiores, com renda per capita familiar de até um salário mínimo; e trabalham em sua residência.

Também é possível notar que o enquadramento absorve um conjunto de trabalhadores advindos de diversas modalidades: empregado formal e informal, empreendedor formal e informal, dono de casa, servidor público e estudante (Sebrae, 2022). A Figura 1 apresenta uma série histórica entre 2013 e 2022 das ocupações anteriores dos trabalhadores registrados como MEI.

Figura 1
Taxa das ocupações anteriores ao registro como MEI



Nota. Adaptado de Sebrae (2016, 2019a, 2022).



Observa-se que o emprego formal é a modalidade de onde deriva o maior número de trabalhadores ao registro. Além disso, chama a atenção, além da sua representatividade, que o crescimento do número anual de trabalhadores oriundos do emprego formal, a cada relatório, em média, cresceu cinco pontos percentuais. No último levantamento, esse grupo representava mais da metade das pessoas que se registraram (57%) como MEI, indicando um movimento crescente e significativo.

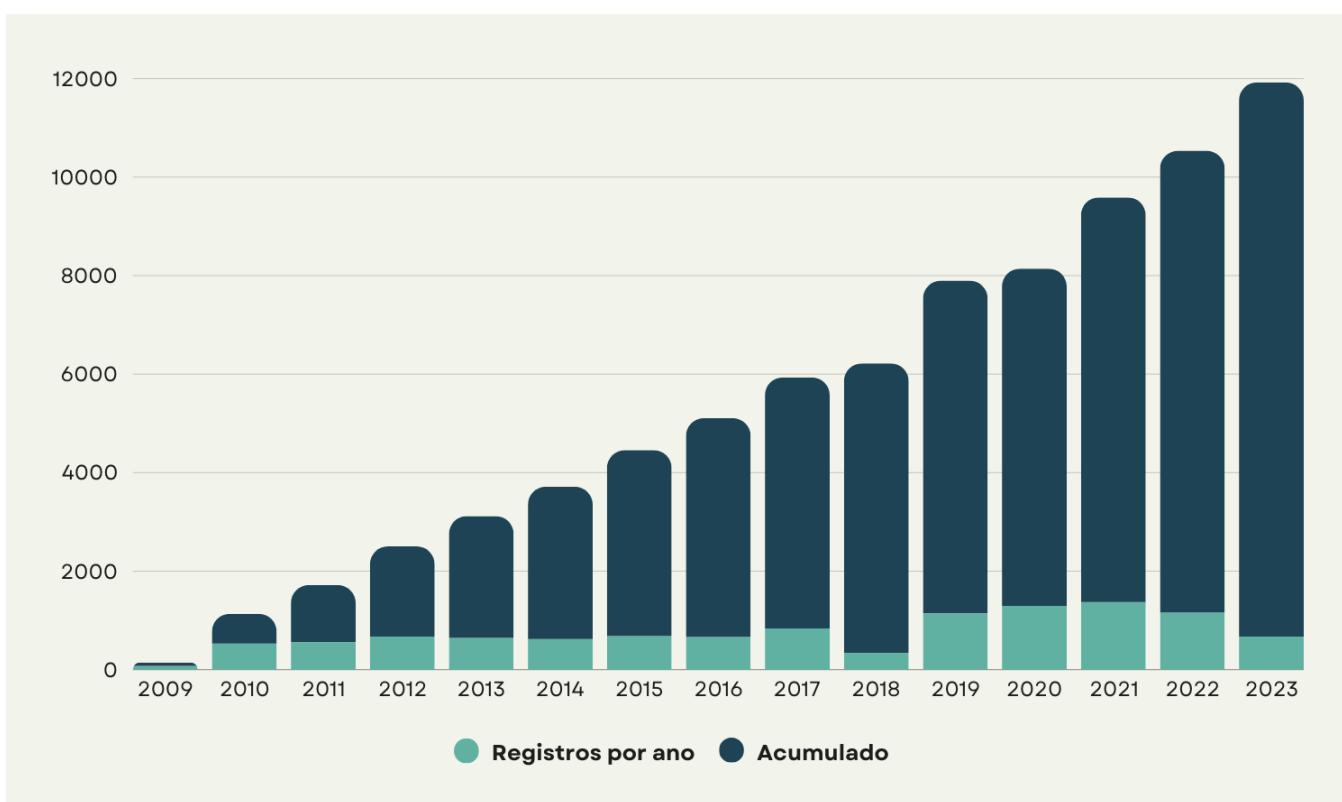
Objetivando adentrar nas características deste fenômeno em termos territoriais, aproximamos nossa lente do campo de pesquisa, a cidade de Santa Cruz do Sul (RS). As justificativas para a escolha desse município estão atreladas às suas características históricas, produtivas e do mercado de trabalho, sobretudo quando observamos a relação entre emprego e empreendedorismo.

O município está localizado na região central do Rio Grande do Sul e possui cerca de 130 mil habitantes (IBGE, 2022). Tracionada pela grande quantidade de indústrias e comércio varejista

sólido, a cidade possui uma quantidade de vagas de emprego elevada (Fecomércio - RS, 2022). Como particularidade, Santa Cruz do Sul traz um histórico vínculo com a produção do tabaco e a atual presença de grupos multinacionais que desenham dinâmicas próprias para o mercado de trabalho da região. Dentre elas, estão a sazonalidade dos empregos, onde alguns trabalhadores permanecem com vínculo empregatício apenas durante seis meses do ano e nos demais meses dependem de outras atividades para a manutenção de sua renda (Cadoná, 2017).

Alinhado com as políticas neoliberais das últimas décadas, o mercado de trabalho do município carrega atributos como relações de trabalho flexíveis, formas inseguras de emprego e crescimento do empreendedorismo (Cadoná, 2017). Acompanhando o cenário nacional, Santa Cruz do Sul possui um crescimento do número de MEIs. A Figura 2 apresenta a série histórica referente ao quantitativo de microempreendedores registrados de 2009 até 2023 nessa cidade e aponta o total acumulado durante o período, totalizando 11.252 MEIs ao final desse período.

Figura 2
Série histórica do número de MEIs em Santa Cruz do Sul



Nota. Adaptado de Portal do Empreendedor (2024).



A cidade, em 2024, já possuía mais de 11 mil registros de MEIs. Considerando a população ativa do município, este grupo já representava 12% dos seus trabalhadores (Sebrae, 2019b; Portal do Empreendedor, 2024). Os números mostram a representatividade deste conjunto social e apontam para uma perspectiva cada vez maior de relevância para esse grupo ao nível municipal.

METODOLOGIA

Em nosso trajeto metodológico adotamos como estratégia a pesquisa qualitativa básica (Merriam, 1998), que nos possibilitou percorrer trajetórias distintas em busca de fontes de informação que se complementassem. Como base do estudo, realizamos uma pesquisa exploratória, onde recolhemos dados de fontes secundárias acerca dos tópicos explorados na fundamentação teórica: carreira e empreendedorismo e o movimento do EF-MEI. Em conjunto, contemplamos um resgate histórico de características produtivas e do mercado de trabalho de Santa Cruz do Sul, local onde as trajetórias dos participantes se desenvolveram, visando o posterior entrelaçamento entre tempo e espaço nas carreiras.

Na sequência, iniciamos a etapa de campo, que teve uma duração de seis meses, desde a aproximação aos espaços urbanos até o último contato com os participantes. O trabalho de campo teve inspiração em estudos etnográficos, havendo uma aproximação das pessoas e de seu cotidiano, a observação direta, a presença regular em situações ordinárias vividas, o reconhecimento das suas diversidades e singularidades e o retorno ao grupo pesquisado das informações e dados construídos no estudo (Ferraço, 2007; Rocha & Eckert, 2008).

Nosso primeiro passo foi identificar espaços urbanos onde os MEIs poderiam ser encontrados. Para isso, percorremos regiões periféricas no município, especialmente ruas onde havia trânsito intenso de pessoas e veículos e, por consequência, maior probabilidade da existência de pequenos empreendimentos comerciais e de serviços.

Buscando uma segmentação territorial, definimos três zonas comerciais com quantidade significativa de negócios. A seguir, iniciamos a etapa de identificação dos participantes, visitando empreendimentos nessas regiões a fim de localizar MEIs circunscritos a estratos econômicos inferiores e oriundos de uma relação empregatícia formal, atendendo aos requisitos da pesquisa.

Ainda como pré-requisito para participação no estudo, definimos um mínimo de 18 meses ou mais de atuação como MEI, a fim de que o participante tivesse tempo suficiente de experiências na posição de microempreendedor. Ademais, estabelecemos como faixa etária pessoas entre 30 e 49 anos, em função de já terem trajetórias profissionais de duração significativa e uma perspectiva ainda longa de atuação no mercado de trabalho, pontos importantes para a análise do passado e do futuro na carreira.

Outro recorte da pesquisa foi a definição de duas áreas de atividades de trabalho: comércio varejista e serviços de manutenção de veículos. A escolha deu-se em razão do maior número de trabalhadores identificados atuando nestas ocupações na fase de prospecção dos MEIs. A definição por duas áreas de atividade nos assegura um número significativo de participantes, considerando uma pesquisa com alto grau de profundidade, e oferece condições de traçar paralelos e verificar pontos compartilhados em áreas distintas, reconhecendo aspectos que podem ser coletivos ao conjunto social.

Após a identificação de cada MEI, realizamos a sensibilização para a participação na pesquisa apresentando o propósito e a dinâmica de realização do estudo. Aqueles que aceitaram participar manifestaram interesse através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

À medida que se formou um grupo de participantes, organizou-se o cronograma de encontros, tendo em vista a frequência de contatos necessária à pesquisa. Isso permitiu a construção de um nível de confiança favorável a um relacionamento aberto e amigável com os MEIs (Minayo & Costa, 2019).



Tivemos a participação de seis MEIs, três deles eram proprietários de estabelecimentos varejistas, comercializando roupas, brinquedos e eletrônicos, e os outros três eram prestadores de serviços automotivos, tendo a lavagem de veícu-

los como principal atividade. Buscando detalhar o perfil dos participantes da pesquisa, a Tabela 1 apresenta traços socioeconômicos, de formação, trajetória e ocupação dos MEIs.

Tabela 1
MEIs participantes da pesquisa

Participante	1	2	3	4	5	6
Sexo	Mulher	Mulher	Homem	Homem	Homem	Homem
Idade	31	38	40	40	47	49
Raça	Branca	Branca	Parda	Branca	Negro	Branco
Estado civil	Casada	Solteira	Casado	Casado	Casado	Casado
Filhos	2	2	2	1	1	1
Escolaridade	Médio completo	Fundamental incompleto	Médio incompleto	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Fundamental completo
Tempo como MEI	20 meses	24 meses	18 meses	60 meses	36 meses	48 meses
Ramo	Comércio varejista	Comércio varejista	Comércio varejista	Serviços automotivos	Serviços automotivos	Serviços automotivos
Faturamento bruto mensal	2 mil	1 mil	6 mil	3 mil	2 mil	3 mil
Local do negócio	Sala comercial	Casa	Sala comercial	Casa	Sala comercial	Casa
Funcionários	Não	Não	Sociedade com esposa e filho sob demanda	Sobrinho sob demanda	Filho sob demanda	Não

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

O número de participantes da pesquisa e a escolha por duas atividades laborais para integrarem o estudo são limitadores de nosso estudo e se desenharam a partir de nossas vivências na etapa de campo. Ainda que julguemos como importante ressaltar tais aspectos, especialmente para contemplar perspectivas distintas à nossa, essas características devem ser vistas como traços de uma jornada de pesquisa que seguiu preceitos ontoepistemológicos, linhas conceituais e também encontrou desafios ao longo de sua trajetória.

Em relação às técnicas de coleta de dados, utilizamos três ações que formam a base da pesquisa qualitativa: ler, referindo ao uso de documentos; observar, por meio da técnica da observação; e perguntar, remetendo às narrativas (Corbetta, 2003).

A pesquisa documental consiste em buscar informações, interpretações e dinâmicas sobre um assunto em diferentes materiais. A técnica tem particular importância na pesquisa de fenômenos em andamento e que já se estendem por significativos períodos de tempo (Tight, 2019). A pesquisa documental envolveu duas categorias de documentos: pessoais e institucionais. A primeira categoria teve como fontes atividades em

redes sociais, em páginas digitais e arquivos de trabalho (registros administrativos e jurídicos); a segunda abarcou documentos jurídicos, de órgãos governamentais e não governamentais, além de arquivos de mídia. Para a análise documental, utilizamos três principais pontos de exploração: pré-análise, exploração do material e a fase interpretativa (Sá-Silva, Almeida, & Guindani, 2009).

A observação qualitativa, por sua vez, constrói significados, reconhece subjetividades e atua na interatividade entre pesquisador e participante (McKechnie, 2008), sendo adequada ao estudo de processos sociais, auxiliando na compreensão profunda e completa dos fenômenos investigados. A técnica esteve presente desde o primeiro contato com os participantes e como forma de registro e organização dos conteúdos oriundos das observações utilizamos o diário de campo.

Ao longo de 54 horas de observação junto aos MEIs foram registrados 18 diários. Como estratégia de organização dos diários, utilizamos a ordenação cronológica e temática dos conteúdos. A análise destes materiais avançou a partir das temáticas estabelecidas e apoiada nas características retroativa e cíclica, ou seja, na medida



em que as reflexões teóricas avançavam, a análise retornava aos dados coletados e os reexaminava a partir de uma nova perspectiva (Corbetta, 2003).

Já as entrevistas narrativas tiveram, cada uma, a duração média de 120 minutos, contemplando a narração central e a subsequente conversa. O estudo das narrativas é construído com base em uma tradição sociológica que ilumina a interseção entre biografia, história e sociedade (Mills, 1959). A narratividade faz emergir o passado das pessoas, contribui com a construção histórica dos fenômenos sociais, auxilia na compreensão da realidade contemporânea e oferece pistas para projetar o futuro.

Após a transcrição das entrevistas procedemos uma análise individual de cada narrativa, onde foram contemplados aspectos temáticos para, posteriormente, realizar a integração analítica entre os relatos e também a socialização da análise dentro do espaço de investigação (Jovchelovitch & Bauer, 2008).

Por fim, vale destacar que nossa trajetória seguiu um caráter orgânico, dinâmico e processual da abordagem qualitativa (Alvesson & Sandberg, 2013), onde os processos foram se sobrepondo ao longo do roteiro.

CONSTRUÇÕES DE CARREIRA DOS MICROEMPREENDEDORES

Analizar a carreira dos MEIs é como observar uma viagem, onde o trabalhador, através de suas vivências, preenche sua bagagem de acordo com seu itinerário e experiências. A composição da mala está relacionada aos espaços percorridos, às pessoas que fazem parte da história vivenciada e também a como o viajante interpreta suas experiências. De formas distintas, os utensílios da bagagem atuam sobre os passos seguintes da caminhada e os destinos do roteiro. Seguindo essa analogia, na sequência apresentamos os achados de pesquisa e analisamos as construções de carreira dos microempreendedores.

Origem e adolescência: os primeiros utensílios da viagem

Para analisarmos os primeiros itens das bagagens, iniciamos nossa exploração olhando para as origens dos MEIs (Souza & Lemos, 2020). Os dados revelam um passado onde as famílias destes trabalhadores eram de baixa renda, compostas por, no mínimo, três filhos e com uma baixa formação escolar dos pais, que possuíam, geralmente, o ensino fundamental incompleto.

Comecei a trabalhar com 10, 12 anos, fazer algo pra juntar uma graninha, cortar a grama do vizinho, pra ajudar a família. Desde pequeno trabalhando, carregando lenha. A família era muito pobre, minhas duas irmãs foram pegas para morar com os tios pela pobreza da família (Participante 5).

Ao observarmos suas adolescências, é comum o exercício de atividades de trabalho antes da maioridade, geralmente ligadas à necessidade de renda da família. O cenário desenhado, onde também está presente a inexistência de experiência, direcionaram os jovens a relações de trabalho informais e sob demanda, enquadradas em atividades manuais e de baixa complexidade.

Quanto à formação educacional, ao longo das trajetórias, além da inexistência do ensino superior ou curso técnico concluído, chama a atenção as interrupções dos estudos ao longo do ensino fundamental ou médio. As trilhas escolares, cursadas em escolas públicas e rurais, foram marcadas por hiatos entre anos estudantis, geralmente ligados às atividades de trabalho. Os retornos à escola foram por curtos períodos – cerca de um ou dois anos – até os participantes se afastarem em definitivo dos estudos.

Maioridade e o percurso profissional: interação durante o itinerário

Diferentemente do cenário de trabalho informal experienciado na adolescência dos participantes, na maioridade, houve uma predominância dos vínculos formais de trabalho, embora algumas atividades informais pudesse ser identificadas.



Neste formato de relação, os trabalhadores exerciam cargos operacionais e desempenhavam papéis de auxiliares em funções de maior complexidade, tais como atendente, auxiliar de mecânico e operador(a) de linhas fabris. Além da alta intensidade de energia física requerida nessas tarefas, podemos citar como características dos vínculos estabelecidos com os empregadores, os baixos salários, raros benefícios complementares e carga horária elevada.

Rotina pesada, morava longe do trabalho, dormia 4 horas por noite. Sentia que era trabalho escravo, mãos sangrando, produtos químicos na linha (de produção), ficava doente... A gente pegava às 7, saia meio dia, voltava uma (hora) e ficava até às seis (horas) da tarde (Participante 2).

Com base nas memórias e circunstâncias que levaram os trabalhadores a deixarem seus postos, nota-se um equilíbrio entre saídas por iniciativa própria e aquelas por decisão do empregador. Nos casos onde a iniciativa partiu do trabalhador, a priorização de questões pessoais, tais como saúde e família, e adversidades na relação com gestores autoritários e abusivos foram as principais causas da descontinuidade. Vale mencionar a ausência de qualquer forma de planejamento ou objetivo claro nestas transições, não havendo aderência das escolhas a planos de carreira, indicando um padrão de carreira do grupo (Gunz et al., 2011).

Observando as trajetórias em termos de áreas de atuação, notamos que as atividades de trabalho, sobretudo as primeiras, são determinantes para os próximos passos. A carreira do Participante 5 reflete este ponto, sua primeira atividade foi em um posto de gasolina, como lavador automotivo, após isso, trabalhou em diferentes espaços, atuando como auxiliar mecânico, auxiliar de pintura automotiva e auxiliar eletricista mecânico. Hoje, passados 20 anos, ele empreende em uma lavagem e oficina de veículos, na mesma área onde começou e teve proximidade durante sua carreira.

As credenciais confeccionadas pelos nossos viajantes no início da caminhada, parecem permitir acesso apenas a espaços físicos semelhantes, oferecendo os primeiros indícios da re-

duzida capacidade de agência do trabalhador e da sua baixa mobilidade na trajetória (Vaclavik et al., 2021), tanto em termos de níveis ocupados, como em relação às áreas de atuação.

Tal qual o viajante, que interage e leva souvenirs dos locais de seu itinerário, o trabalhador leva consigo subjetividades, transforma e se transforma a partir dos espaços perpassados. Por meio do enfoque aos micro cenários e ao contexto ampliado, examinando a interação entre participante, ambientes e instituições, também verificamos efeitos produzidos na carreira dos MEIs (Mayrhofer et al., 2007).

Começando pelos micro cenários, destacamos a interação entre os participantes e dois ambientes: escolares e de trabalho. As vivências em espaços escolares desenrolaram-se em escolas públicas, periféricas ou rurais, onde há distanciamento de universidades, cursos qualificantes, escolas de línguas e de outras oportunidades. Nos ambientes de trabalho, suas experiências transcorreram em pequenas empresas, por meio de vínculos formais e de baixa qualidade, ocupando cargos operacionais e com baixa perspectiva de crescimento na organização.

O quadro de trabalho do município também influenciou para que as trajetórias estivessem ligadas ao trabalho formal de baixa qualidade. Embora a cidade possuísse um grande número de empregos (Noronha, 2020), pessoas com menores níveis de escolaridade voltam-se para oportunidades nas indústrias, mediante formas inseguras de emprego, como o trabalho temporário, ou em pequenas empresas que possuem requisitos flexíveis para ocupação das vagas e consequentemente, vínculos de menor qualidade (Cadoná & Góes, 2015).

As recentes transformações nos níveis organizacional e contextual sobre as relações de trabalho também interagem com a carreira dos MEIs (Weber, 1999; Mayrhofer et al., 2007). É possível notar que as mudanças de ordem trabalhista, seguindo um compasso neoliberal, são refletidas no entendimento de que as experiências passadas em empregos formais eram garantidoras de maior segurança:



É engraçado... a proposta não parecia emprego. Eles queriam me contratar tipo funcionário, mas sob demanda (se referindo ao contrato de trabalho intermitente permitido pela Lei 13.467/17), falaram que eu seria igual aos outros, mas um pouco diferente. Também me disseram que poderiam me contratar caso eu tivesse uma PJ, naquelas condições achei complicado (Participante 6).

Combinando o cenário flexível de trabalho e a reduzida capacidade de direcionamento dos percursos em razão dos ambientes percorridos, temos o ingresso no microempreendedorismo como um resultado da viagem.

Próxima parada: microempreendedorismo

Entendendo a bagagem construída nas trajetórias, passamos à análise das transições do EF-MEI, examinando dois momentos: a saída do emprego e o início das atividades como MEI. Atentando às circunstâncias da saída do emprego, temos um quadro difuso entre demissões e iniciativas próprias, onde as características apresentadas anteriormente, tais como conflitos no trabalho e necessidade de cuidar dos filhos, voltam a aparecer nas transições de carreira.

Com exceção de um caso, nos cinco outros a saída do emprego não possuía relação com a futura atividade. A reflexão sobre alternativas (e se essas existiam) acontecia apenas após a saída da empresa. Os relatos ainda indicaram a procura por oportunidades de emprego formal, seguida pelo insucesso em razão de barreiras, tais como baixa escolaridade e poucas habilidades técnicas.

Considerando as situações socioeconômicas de baixa estabilidade, não havia tempo disponível para apreciação de opções de trabalho ao longo das semanas que sucederam a saída da empresa, sejam alternativas de emprego ou no empreendedorismo, realizando a prospecção de oportunidades.

A necessidade de velocidade para atender a conjuntura socioeconômica era um ponto recorrente entre os participantes. Ela influenciava para que o trabalhador estivesse sempre preocupado com necessidades imediatas, deixando

de lado outras dimensões de sua vida, tais como qualificações que trouxessem estabilidade na carreira ou a busca de realização pessoal através do trabalho (Moore et al., 2007)

Ao quadro ainda somamos a baixa capacidade de aplicação financeira nos negócios pelos participantes. Começar o empreendimento com recursos mínimos foi uma tarefa complexa e desgastante para os MEIs. Não possuir dinheiro para a compra de produtos que conseguissem preencher as prateleiras, para pagar um técnico para regularização das atividades ou para investir na fachada do negócio, foram exemplos de subjetividades narradas de primeiros passos árduos.

Valendo-se da perspectiva temporal e processual das concepções de carreira e empreendedorismo (Hughes, 1958; Low & MacMillan, 2007), outro aspecto importante da análise na transição é o vínculo entre a trajetória de carreira e o tipo de atividade exercida pelo MEI. Os empreendimentos abertos estavam estritamente ligados às habilidades do participante e àquilo que o mesmo já vivenciou em suas experiências prévias de trabalho, norteando suas escolhas ao empreender.

Quando eu chego na loja eu faço exatamente o que eu fazia lá, guarda as coisas, passa pano no chão, bate roupa para tirar o pó, querendo ou não, é uma coisa que eu fazia antes. Até no outro emprego, eu atendia, escolhia os looks para comprar, o que estão usando, as cores, é o meu chão (Participante 1).

As experiências dos trabalhadores resgatadas na pesquisa exibem um início da atividade microempreendedora onde o movimento considerável de clientes e as novas vivências encorajaram a empolgação do MEI. Ao mesmo tempo, a maioria dos relatos apontaram uma redução escalonada da clientela após os primeiros meses do negócio, acompanhada pela dissipação da euforia dos participantes em razão da rotina e de aspectos atrelados ao empreendedorismo (Rosenfield, 2015), a citar a instabilidade nos rendimentos e a ansiedade gerada pelas incertezas.

A pandemia foi outro evento ressaltado como importante no momento de transição para o MEI, desencadeando processos de ajustes e



novas experiências (Baruch & Quick, 2007). Questões como adaptação de atividades, frustração de expectativas, redução radical de rendimentos e o auxílio emergencial como minimizador de angústias foram tópicos comuns nas narrativas. Além de acentuar características do empreendedorismo, os participantes evidenciaram transformações nos relacionamentos. Nem mesmo os canais digitais, como WhatsApp, Instagram e sites de fornecedores, foram suficientes para evitar percepções de enfraquecimento de vínculos, distanciamento de parceiros e dificuldade na construção de laços.

É dessa maneira, carregando seus itens, trazendo suas dificuldades e contando com o auxílio de algumas pessoas no caminho, que os trabalhadores vivenciam o seu translado do EF-MEI.

Cotidiano presente

Vivenciar o cotidiano junto com os participantes trouxe contornos importantes ao estudo (Ferraço, 2007). No que concerne ao ambiente físico dos microempreendimentos participantes do estudo, embora cada ambiente fosse único e possuísse suas peculiaridades, houveram alguns aspectos comuns entre eles. Os locais, alguns de alvenaria e outros de madeira, em geral, possuíam como características baixa metragem, estruturas desgastadas pelo tempo e equipamentos bastante utilizados.

Nos estabelecimentos onde havia comercialização de produtos, a pequena quantidade de itens nas prateleiras era constante. Nos empreendimentos voltados à prestação de serviço, eram comuns a falta de organização dos materiais e as irregularidades documentais em termos fiscalizatórios ambientais, especialmente em razão da destinação inadequada dos resíduos gerados pelas atividades (Lei Complementar nº 741, 2019).

A estética dos empreendimentos revelou-se como fonte de desconfiança e afastamento de clientes. Os participantes relataram que algumas pessoas ao conhecerem o espaço, sobretudo as que descobriram o negócio digitalmente, pareciam desconfortáveis pelo que encontraram. Tal comportamento se estendia para parcerias

com empresas. Nestes casos, a estética, aliada ao enquadramento como MEI e ao curto espaço de tempo como empreendedor geravam desconfiança em tentativas de conexão entre pessoas jurídicas.

O cotidiano também nos oferece um retrato sobre as dinâmicas de relacionamentos e os vínculos de suporte destes trabalhadores (Dyer, 1995; Burton et al., 2016;). Para além dos diferentes atores com os quais eles se relacionavam, onde podemos citar clientes, familiares, amigos, fornecedores, órgãos públicos e instituições de apoio, notamos que a maior parte das suas interações rotineiras ocorreram com clientes, familiares e amigos. Em poucas oportunidades identificamos relacionamentos com fornecedores. Já o vínculo com os órgãos públicos (Prefeitura e órgãos fiscalizatórios) e instituições de apoio (Sebrae) apareceu apenas durante os encontros em relatos dos MEIs sobre suas experiências passadas (Mantovani, 2019), onde tais atores desempenharam um papel orientativo e pontual no início da trajetória microempreendedora.

Cabe destacar a não identificação de nenhuma força ou atuação coletiva dos trabalhadores sobre organizações e instituições, seja na esfera digital (em redes sociais ou páginas digitais) como na presencial (Ashford et al., 2018). Não houveram indícios sobre como ou se há alguma força coletiva liderada pelo conjunto social que trabalhe em prol de suas demandas. Podemos figurar que a viagem do trabalhador está longe de ser uma excursão, onde um grupo de pessoas consegue formar um corpo robusto e alcançar condições mais vantajosas em diferentes situações.

Como forma de minimizar as dificuldades decorrentes de uma atuação de trabalho autônoma, notamos uma substituição da perda de noção do suporte social da relação empregatícia, que era compensada pelos vínculos familiares. Mesmo que o apoio e a solidariedade da família não fossem uma constante e não oferecessem condições de alavancagem dos negócios, sua atuação era no sentido de promover uma manutenção mínima das atividades, auxiliando na busca de clientes e no fôlego das subjetividades dos participantes.



Com esses itens na mala, para onde se pode ir?

A principal aspiração dos participantes era o alcance de uma estabilidade econômica que proporcionasse equilíbrio emocional e melhores condições à família. Considerando esse desejo, as principais perspectivas para a carreira foram a continuidade e consolidação do empreendedorismo, e o retorno ao emprego formal.

Para aqueles que citaram a continuidade da trajetória empreendedora, o discurso vinha acompanhado da esperança de melhora do negócio e da falta de clareza sobre formas para que isso ocorresse. Um ponto em comum entre os participantes, neste caso, foi o entendimento de que a melhoria dos negócios estaria atrelada à mudanças nos seus espaços físicos, tal como reforma de fachada, aquisição de móveis e equipamentos e o reparo de forro.

O retorno ao emprego formal também era desejo comum, no entanto, não possuía condições desenhadas, seja em termos de planejamento ou área de trabalho almejada. A estabilidade era a vontade maior e independia de área ou cargo. Na contramão de qualquer conduta ativa em busca da posição que atendesse tais expectativas, os diálogos percorridos com os participantes mostraram condições inertes em seus comportamentos.

Quando pensamos nos próximos destinos, ficam evidentes as limitações nos caminhos a serem seguidos pelos MEIs. Qualquer mudança de rumo na viagem é acompanhada por desafios. Peguemos o caso do retorno ao emprego formal como forma de ilustrar esse cenário. As limitações iniciam no passado, onde ao nível individual de análise temos a escolaridade e ao nível organizacional os espaços percorridos como exemplos das confecções de barreiras impostas (Weber, 1999; Gunz & Mayrhofer, 2015;). A baixa escolaridade delimita a participação em seleções para cargos onde a qualidade do emprego é maior. Já os espaços percorridos contribuem para restringir a visualização de possibilidades profissionais,

especialmente sobre áreas de trabalho e oportunidades de emprego. É como se o viajante tivesse dificuldade com uma língua estrangeira ou não possuísse um passaporte, movimentando-se com dificuldade ou não conseguindo ingressar em um território diferente.

Os traços existentes no presente também diminuem a capacidade de mudança (agência) (Vaclavik et al., 2021). A necessidade de flexibilidade no cotidiano é uma forma de ilustrar esse ponto. Advinda especialmente dos papéis desempenhados (Dyer, 1995), questões envolvendo a estrutura familiar não permitem que o participante possua outras opções a não ser o caminho empreendedor, onde estão inclusas autonomia e flexibilidade de atividades.

Se não for assim (trabalhando como MEI), não consigo cuidar dos meus dois pequenos. Passo o dia aqui, atendendo e ficando com eles quando não estão na creche (Participante 2).

Complicado achar um emprego legal... Fico de olho, mas com as minhas condições, não acho nada bom, só coisas que vão me dar dor de cabeça, ficar seis meses e depois sair (empregos temporários), e ainda ganhar quase a mesma coisa que aqui (Participante 6).

As disposições contextuais nos níveis ampliado e local também agem em prol da permanência dos MEIs em suas atividades (Gunz et al., 2011). Os principais destaques estão nas condições de flexibilidade em que estão imersas as práticas voltadas à gestão de pessoas e as configurações do mercado de trabalho local, assentado em formas inseguras e não atrativas de empregos aos trabalhadores (Cadoná & Góes, 2015). Tendo em vista apresentar as construções de carreira dos MEIs, a Tabela 2 detalha as etapas de carreira discutidas nesta seção.



Tabela 2
Construções de carreira dos participantes

Momentos da carreira	Características
Origem e adolescência	<ul style="list-style-type: none"> • Famílias de baixa renda e baixa formação escolar dos pais; • Atividades de trabalho antes da maioridade; • Relações de trabalho informais e sob demanda, com atividades manuais e de baixa complexidade; • Interrupções dos estudos ao longo do ensino fundamental ou médio.
Maioridade e o percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • Predominância dos vínculos formais de trabalho, com baixos salários, raros benefícios complementares e carga horária elevada; • Cargos operacionais e de auxiliares em funções de maior complexidade; • Ausência de planejamento ou objetivo claro nas transições de carreira; • Atividades de trabalho semelhantes ao longo do percurso; • Contexto de trabalho local flexível.
Próxima parada: MEI	<ul style="list-style-type: none"> • Saída do emprego formal a partir de demissão ou iniciativa própria, sem relação com a futura atividade; • Insucesso na procura por oportunidades de emprego formal; • Necessidade de velocidade na busca de trabalho e renda para atender as demandas familiares; • Empreendimentos abertos ligados às habilidades e experiências de trabalho do participante.
Cotidiano presente	<ul style="list-style-type: none"> • Empreendimentos localizados em bairros periféricos; • Empreendimentos com baixa metragem e estruturas desgastadas pelo tempo; • Estética como fonte de desconfiança e afastamento de clientes; • Vínculos relacionais de suporte e interação elevada com clientes, familiares e amigos; • Nenhuma força ou atuação coletiva dos trabalhadores; • Dilemas equilibrando perspectivas positivas e negativas atreladas à atuação como MEI.
Para onde se pode ir?	<ul style="list-style-type: none"> • Desejo de um futuro que oferecesse estabilidade econômica; • Consolidação do empreendimento e o retorno ao emprego formal como perspectivas de carreira; • Falta de clareza sobre como alcançar seus objetivos; • Subjetividades vinculadas à liberdade, segurança e família presentes nas projeções da carreira.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Por fim, não podemos afirmar quais serão os próximos passos, entretanto, é possível ter a compreensão de que, mesmo as carreiras sendo imprevisíveis em um sentido restrito, elas são imprevisíveis dentro de um quadro de previsibilidade de insegurança e flexibilidade. A mala pesada portada pelos trabalhadores, ao passo que dificulta as ações em razão da falta de autonomia, também não permite que eles tragam em seus pertences experiências, habilidades e vivências em contextos que abram novas perspectivas.

CONCLUSÃO

Investigando a carreira dos MEIs encontramos trajetórias que se assemelham em muitos aspectos. O grupo trouxe traços como barreiras econômicas, vínculos de suporte e a ausência de planejamento como principais pontos na discussão sobre a mudança entre posições. Ao contrário do que a literatura sobre empreendedorismo sugere, o desenvolvimento constante, a agência dos trabalhadores, a busca pela inovação ou a



procura de significado não foram elementos centrais nas transições do EF-MEI

Considerando o cenário de solidificação e crescimento do microempreendedorismo no Brasil, nossa investigação também esteve direcionada à busca de elementos que contribuíssem para a redução dos desafios impostos aos trabalhadores, buscando construir um valor presente e futuro para o campo teórico e prático (Alvesson & Sandberg, 2013).

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui em quatro pontos. O primeiro é que por meio da metodologia adotada, o trabalho supre a necessidade de incorporação de um viés social, especialmente para o quadro teórico de empreendedorismo e aos estudos que trazem ao centro as transições de carreira (Burton et al., 2016). O segundo é o fortalecimento do uso da dimensão temporal para investigações de eventos específicos, sobretudo ligados ao empreendedorismo (Gunz & Mayrhofer, 2015). A observação em conjunto do passado, presente e futuro nos oferece uma dimensão dos porquês nas transformações e continuidades dentro das trajetórias.

A complementaridade entre elementos objetivos e subjetivos de análise no estudo de carreiras microempreendedoras é o terceiro ponto de contribuição para os estudos que fazem interlocução dos conceitos de carreira e empreendedorismo. A utilização de relatórios estatísticos e o olhar para condições objetivas do cotidiano, somada à submersão nas experiências e subjetividades dos MEIs, oferece profundidade de compreensão sobre o fenômeno. O quarto ponto é o modo de análise da transição, onde investigamos dois momentos distintos, a saída do emprego e o início da atividade como microempreendedor. Tal configuração permite compreender o conteúdo existente nesses momentos e entre eles, sendo isso especialmente importante para pesquisas que reúnem os conceitos do trabalho (Briscoe et al., 2018).

Do ponto de vista prático, o estudo contribui em quatro aspectos. O primeiro está atrelado à tarefa de questionar a qualidade de novas configurações de trabalho e padrões de carreira (Vaclavik et al., 2021). A pesquisa favorece o olhar ao enquadramento do MEI e às configurações da transição em análise, evidenciando fragilidades

que envolvem o conjunto e as raízes e efeitos do fenômeno.

O segundo ponto é o reconhecimento das dinâmicas de relacionamentos nas carreiras. É evidente que existe espaço para maior interação entre instituições de apoio, órgãos públicos e os MEIs. Também é claro que a transição está intimamente ligada à família. Assim, ao refletirmos sobre políticas públicas para conjuntos sociais semelhantes, os aspectos a serem fomentados transcendem questões técnicas organizacionais, envolvendo outras dimensões da vida do empreendedor.

O terceiro é o olhar para a interação entre a carreira do MEI e as reconfigurações nas práticas de gestão de pessoas e dos modelos produtivos. Para reverter o cenário de flexibilização e oferecer maior equilíbrio de poderes entre atores é necessário repensar ideologias políticas que conduzam esforços pró microempreendedor. Há espaço à construção de práticas coletivas e atuações mais próximas entre trabalhadores, que por sua vez, podem operar forças sobre instituições que confeccionam suas trajetórias.

Como quarto ponto, ao analisarmos em profundidade um grupo de trabalhadores situado no universo microempreendedor contemporâneo, contribuímos para discussões ao nível internacional sobre configurações e condições de trabalho de formas emergentes do autoemprego (Ashford et al., 2018). O quadro apresentado permite que correlações possam ser traçadas a partir de territórios distintos. Por sua vez, essas referências podem subsidiar a identificação de pontos de melhoria em políticas públicas a nível federal e implicações práticas nos modelos de trabalho do enquadramento jurídico.

Campos não explorados e indagações não respondidas neste trabalho esboçam sugestões de pesquisas futuras. Para conjuntos como o dos MEIs, especialmente aqueles advindos do emprego formal, quais são as alternativas na esfera da coletividade que poderiam dirimir os efeitos gerados pela sensação de afastamento das relações sociais? Quais ações cabem ao poder público ao nível municipal tendo em vista o apoio aos empreendedores em condições de vulnerabilidade socioeconômica? De que forma conseguirá o poder público e as instituições de apoio atuarem



de maneira mais efetiva em suas ações, transpassando iniciativas horizontais e agindo sobre a heterogeneidade dos conjuntos sociais inseridos no universo microempreendedor? Quais outras perspectivas de análise, quadros teóricos e abordagens de pesquisa podem contribuir às investigações sobre o microempreendedorismo?

REFERÊNCIAS

- Alvesson, M., & Sandberg, J. (2013). *Constructing research questions: Doing interesting research*. London: Sage Ltda. <https://www.doi.org/10.4135/9781446270035>
- Ansiliero, G., Costanzi, R. N., & Fernandes, A. Z. (2020). Análise descritiva das políticas públicas de inclusão previdenciária dos trabalhadores autônomos: o plano simplificado de previdência social e o microempreendedor individual. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Ipea.
- Ashford, S. J., Caza, B. B., & Reid, E. M. (2018). From surviving to thriving in the gig economy: A research agenda for individuals in the new world of work. *Research in Organizational Behavior*, 38, 23-41. <https://doi.org/10.1016/j.riob.2018.11.001>
- Baruch, Y. (2015). Organizational and labor markets as career ecosystem. In A. De Vos & B. Van der Heijden (Eds.), *Handbook of Research on Sustainable Careers* (pp. 164-180). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Baruch, Y., & Quick, J. C. (2007). Understanding second careers: Lessons from a study of U.S. navy admirals. *Human Resources Management*, 46(4), 471-491. <https://doi.org/10.1002/hrm.20178>
- Brasil. (2017). Lei nº 13.467, de 13 de Julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Distrito Federal, BR. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm
- Briscoe J., Dickmann M., Hall T., Parry E., Mayrhofer W., & Smale A. (2018). Career Success in Different Countries: Reflections on the 5C Project. In M. Dickmann, V. Suutari, & O. Wurtz (Eds.), *The Management of Global Careers* (pp. 117-148). Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-76529-7_5
- Burton, M. D., Sørensen, J. B., & Dobrev, S. D. (2016). A careers perspective on entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40(2), 237-247. <https://doi.org/10.1111%2Fetap.12230>
- Cadoná, M. A. (2017). *Dinâmicas Regionais de Desenvolvimento, Trabalho e Organização dos Mercados Urbanos de Trabalho: uma Análise a Partir de Cidades Médias do Rio Grande do Sul*. Redes - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 22(3), 343-357. doi: 10.17058/redes.v22i3.7567
- Cadoná, M. A., & Góes, C. H. (2015). *Dinâmicas Regionais de Mercado de Trabalho: uma análise a partir do Mercado de Trabalho na Cidade de Santa Cruz do Sul (RS)*. *Revista de Ciências Humanas*, 16(27), 99-115.
- Campanha, L. J., Lorenzo, H. C. de, Fonseca, S. A., & Paulillo, L. F. D. O e. (2017). Formulação e implementação, convergências e desvios: facetas da política pública do MicroEmpreendedor Individual (MEI) no plano local. *Gestão & Produção*, 24, 582-594. <https://doi.org/10.1590/0104-530X3896-16>
- Carmo, L. J. O., Assis, L. B. D., Gomes, A. B., & Teixeira, M. B. M. (2021). O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. *Cadernos EBAPE*. BR, 19(1), 18-31. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200043>
- Corbetta, P. (2003). The use of documents. In P. Corbetta (Ed.). *Social Research: Theory Methods and Techniques* (pp. 287-309). London: Sage.
- Cuervo, Á., Ribeiro, D., & Roig, S. (Eds.) (2007). *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective*. New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (5a ed., pp. 29-71). London: Sage.
- Dyer, W. G. Jr. (1995). Toward a theory of entrepreneurial careers. *Entrepreneurship theory and practice*, 19(2), 7-21. <https://doi.org/10.1177%2F104225879501900202>
- Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul - Fecomércio - RS. (2022). Mapa do Emprego 2022: o perfil do emprego formal gaúcho. Recuperado de <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiO->



DgwNTI2ZjktOGRmZS00MDE4LThhN2MtYz-Q1YWU5NDQ5YzIxliwidCl6ImQxZGViNzViLWF1-MDUtNDkyZC1hNmU1LWZmZmU3Yjc2Y2M5N-CI5ImMiOjR9&pageName=ReportSection48ba-13d52066c678c06e

Ferraço, C. E. (2007). Pesquisa com o cotidiano. *Educação & Sociedade*, 28(98), 73-95.

Gunz, H., & Mayrhofer, W. (2015). The social chronology framework: A multiperspective approach to career studies. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2595568>

Gunz, H., Mayrhofer, W., & Tolbert, P. (2011). Career as a social and political phenomenon in the globalized economy. *Organization Studies*, 32(12), 1613-1620. <https://doi.org/10.1177%2F0170840611421239>

Hirschi, A. (2018). The Fourth Industrial Revolution: Issues and implications for career research and practice. *Career Development Quarterly*, 66(3), 192-204. <https://doi.org/10.1002/cdq.12142>

Hughes, E. C. (1937). Institutional office and the person. *American journal of sociology*, 43(3), 404-413.

Hughes, E. C. (1958). Men and their work. Chicago: The University of Chicago Press.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022). População estimada em 2021 de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-cruz-do-sul/panorama>

Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2008). Entrevisão Narrativa. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (7a ed., pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.

Krein, D., Abílio, L., Freitas, P., Borsari, P., & Cruz, R. (2018). Flexibilização das relações de trabalho: insegurança para os trabalhadores. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região*, 52, 41-66.

Low, M. B., & MacMillan, I. C. (2007). Entrepreneurship: Past Research and Future Challenges. In A. Cuervo, D. Ribeiro, & S. Roig (Eds.), *Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective* (pp. 131-153). New York: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1

Mantovani, E. (2019, setembro). O lugar do Sebrae na Construção Social do Microempreendedor Individual em Santa Cruz Do Sul. In *Anais do 10o Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional*, Santa Cruz do Sul, RS.

Mayrhofer, W., Meyer, M., & Steyrer, J. (2007). Contextual issues in the study of careers. In H. Gunz, & M. Peiperl (Eds.), *Handbook of career studies* (pp. 215- 240). Los Angeles: Sage.

McKechnie, L. E. F. (2008). Observational research. In L. M. Given (Ed.), *The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 573-575). London: Sage.

Merriam, S. B. (1998). *Qualitative Research and Case Study Applications in Education*. Revised and Expanded from "Case Study Research in Education". San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Moore, C., Gunz, H., & Hall, D. T. (2007). Tracing the historical roots of career theory in management and organization studies. In H. Gunz, & M. Peiperl (Eds.), *Handbook of career studies* (pp. 13-38). Thousand Oaks, CA: Sage.

Mills, C. W. *The Sociological Imagination*. New York: Oxford Univ. Press.

Minayo, M. C. D. S., & Costa, A. P. (2019). Técnicas que fazem o uso da palavra, do olhar e da empatia: Pesquisa Qualitativa em Ação. Aveiro: Ludo-media.rtigo 2

Noronha, A. E. (2020). A industrialização do fumo e o capital estrangeiro numa comunidade de imigrantes alemães no sul do Brasil (Santa Cruz do Sul, 1918-1976). *Fronteiras & Debates*, 7(2), 167-180. DOI: [10.18468/fronteiras.2020v7n2.p167-180](https://doi.org/10.18468/fronteiras.2020v7n2.p167-180)

Portal do Empreendedor. (2024). Estatísticas. Brasília. Recuperado de <http://www.portaldoempreendedor.gov.br>.

Rocha, A. L. C. D., & Eckert, C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. In C. R. J. Pinto, & C. A. B. Guazzelli (Orgs.), *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Rosenfield, C. (2015). Autoempreendedorismo: forma emergente de inserção social pelo trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30(89), 115-128. <https://doi.org/10.17666/3089115-128/2015>



Santa Cruz do Sul. (2019). Lei Complementar nº 741, de 12 de abril de 2019. Institui o Plano Diretor de Santa Cruz do Sul e dá outras providências. Santa Cruz do Sul, RS. Recuperado de <https://www.santacruz.rs.gov.br/pd/>

Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D. D., & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista brasileira de história & ciências sociais*, 1(1), 1-15.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2019a). Perfil das Cidades Gaúchas 2020 – Santa Cruz do Sul. Recuperado de https://datasebrae.com.br/municípios/rs/Perfil_Cidades_Gaúchas-Santa_Cruz_do_Sul.pdf

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2016). Perfil do Microempreendedor Individual. Brasília. Recuperado de <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Perfil%20do%20MEI%202015.pdf>

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2019b). Perfil do Microempreendedor Individual. Brasília. Recuperado de https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/08/013_0319_APRE_MEI_v15_principais-resultados-inicio.pdf

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2022). Perfil do Microempreendedor Individual. Brasília.

Silva, G. S. D., Paiuca, I. R., & Schmidt, C. (2020). Cultura Empreendedora e Políticas Públicas: A Participação Social como Estratégia para Fortalecer o Desenvolvimento Econômico Municipal. *RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico*, 3(44). <http://dx.doi.org/10.36810/rde.v3i44.6081>

Souza, M. M., & Borges, L. de O. (2020). São parceiro na prática: submissão ou autonomia?. *Psicologia & Sociedade*, 32. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32218817>

Souza, F. A. S. de, & Lemos, A. H. C. da. (2020). A origem como destino: trajetórias profissionais de faxineiras terceirizadas. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(4), 74-92. <https://doi.org/10.12712/rpca.v14i4.45779>

Sullivan, S. E., & Baruch, Y. (2009). Advances in Career Theory and Research: A Critical Review and Agenda for Future Exploration. *Journal of Management*, 35(6), 1542-1571. <https://doi.org/10.1177/0149206309350082>

Tight, M. (2019). Documentary research in the social sciences. Sage Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781529716559>

Vaclavik, M. C., Rocha-de-Oliveira, S., & Oltramari, A. P. (2021). Proteus looks around: agency, time and context in a Gig Economy career analysis. *BAR – Brazilian Administration Review*, 18(2). <https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2021200098>

Vale, G. M. V. (2014). Empreendedor: origens, conceções teóricas, dispersão e integração. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(6), 874-891. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20141244>

Weber, M. A (1999). Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira.